



# Revista Poticuir: notas sobre um drag-jornalismo na imprensa de Natal-RN <sup>1</sup>

Poticuir Magazine: notes on a drag-journalism in the press in Natal-RN

## Ribamar José de Oliveira Junior

Bolsista FAPERJ. Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com estágio de pesquisa na York University (YorkU), Canadá. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: ribamar@ufrj.br

## Alice Oliveira de Andrade

Jornalista. Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPqEM/UFRN). E-mail: aliceandrade@live.com

## Antonino Condorelli

Professor Adjunto no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Ciências da Comunicação pela Università degli Studi di Siena, Itália; Mestre em Educação e Doutor em Ciências Sociais pela UFRN. E-mail: profantoninocondorelli@gmail.com.

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida com apoio da CAPES e da FAPERJ



## Resumo

Este trabalho apresenta a dimensão performativa do jornalismo de revista a partir da produção inicial da Revista Poticuir, desenvolvida no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) na cidade de Natal em 2019. Na imprensa potiguar, busca-se perceber a Poticuir a partir de um gesto do “jornalismo performativo”, uma vez que as palavras se fazem ato na medida que são ditas na escrita. Pelo próprio nome da revista, entre potiguar e queer, encontra-se um horizonte para um “drag-jornalismo” que faz da montagem uma forma de construir uma pauta subjetiva aberta ao encontro. Para além da representação e da representatividade, vale pensar um “jornalismo de montagem” como aceno de expansão em sua desmontagem dos critérios de apuração e noticiabilidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo de Revista. Imprensa. Revista Poticuir. Gênero e Sexualidade. Jornalismo de Subjetividade.

## Abstract

This work presents the performative dimension of magazine journalism from the initial production of the magazine Poticuir, developed in the Department of Communication of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) in the city of Natal in 2019. In the potiguar press, it seeks to perceive Poticuir from a gesture of “performative journalism”, since words become act as they are said in writing. By the very name of the magazine, between potiguar and queer, there is a horizon for a “drag-journalism” that makes montage a way to build a subjective agenda open to encounter. Beyond representation and representativeness, it is worth thinking an “montagem journalism” as a sign of expansion in its deconstruction of the criteria of investigation and notability.

**Keywords:** Journalism of Magazine. Press. Poticuir Magazine. Gender and Sexuality. Journalism of Subjectivity.



Mas juntei minhas forças todas  
e num relance lembrei-me  
que mamãe sempre dizia:

- Homem é para-mulher, e mulher é para-homem.

(Paulo Augusto, Falo, 1976)

## 1 O jornalismo cultural na imprensa potiguar: breve percurso histórico

A partir do que Cascudo (1947) traz sobre a publicação do primeiro jornal que se tem notícia do Rio Grande do Norte, com o periódico O Natalense em 1832, fundado pelo Padre Francisco de Brito Guerra, destacamos o bojo religioso e político que sustentava a própria imprensa enquanto meio de comunicação. Nesse percurso, é possível perceber pelo pensamento de Melo (1987) a forma como a imprensa jornalística do estado do Rio Grande do Norte também abarcou a produção de pautas por mulheres e/ou para o público feminino no viés educacional, a exemplo das publicações O Alfabeto, A Escola Doméstica, O Lar, Folha Nova, Jornal das Moças, Jornal Falado e Via Láctea, sendo esta a primeira revista a ser produzida por mulheres, nos nomes de Palmyra e Carolina Wanderley, circulada entre os anos de 1914 e 1915. Inclusive, Queiroz (2004) situa o jornalismo cultural potiguar na linha entre a arte e o jornalismo, o que reflete em Macedo e Duarte (2003) quando trazem a forma como a criatividade feminina na cidade possibilitou romper com o cerco masculino nos modos outros do fazer jornalístico, sendo as mulheres uma presença forte também em jornais que circularam no estado entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. “Foi muito difícil a imprensa feminina se firmar em Natal, vemos essa afirmação fortemente no período republicano” (COSTA, 2005, p. 36).

Dessa forma, Fernandes e Souza (2006) discutem como o jornal A República, o primeiro jornal oficial de Natal, surge dando destaque como escola de jornalismo, tendo em vista os aspectos jornalísticos na crônica, no colunismo social e “também na parte literária, criando suplementos importantes, publicando romances em capítulos” (FERNANDES; SOUZA, 2006, p. 4). Assim, Correia (2007) traz logo após o surgimento de A República, o jornal O Recreio de cunho literário e o jornal A Imprensa, sendo este fundado pelo pai de Câmara Cascudo para que o filho pudesse se habilitar como escritor e jornalista. Ao trazer a produção das revistas nas primeiras décadas do século XX no Rio Grande do Norte, Costa (2008) aponta o formato dessa mídia como um recurso tecnológico de comunicação que permite flagrar o real em permanente transformação, sobretudo, pelas inovações e aspirações dos escritores norte-rio-grandenses geradas no contexto modernizante. Nessa esteira, Queiroz (2010) aborda como a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, que funcionou em Natal entre as décadas de 1960-1970, aparece pelo pioneirismo e pelo desenvolvimento de práticas inovadoras no jornalismo potiguar, uma vez que a faculdade foi pioneira no Nordeste pela forma como se deslocou



das antigas faculdades de Filosofia e, em 1976, foi absorvida pela UFRN, após a criação do curso de Comunicação Social, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Diante do cenário social e intelectual de Natal, Carvalho (2011) também destaca a forma como as práticas jornalísticas da produção de revista foram uma nova forma de expressão de modernidade, em tom de vanguarda, a exemplo da Revista Cigarra (1928-1929) que contava com a publicação de notícias, artigos e crônicas. Como uma das tradições discursivas no jornalismo potiguar, Silva (2012) pontua a carta-crônica como um dos primeiros exemplares dos gêneros presentes em A República no ano de 1914. A experiência literária em jornais e revistas que circulavam na cidade do Natal aparece no que pensamento de Silva (2014), especialmente, pela forma como a literatura potiguar se relaciona com a mídia impressa, tendo em mente que as revistas possibilitavam o encontro das ideias dos literatos com o público que ainda tinha pouco contato com os livros, dada a dificuldade de publicações.

Nessa trama do jornalismo nomeadamente masculino, tomamos o que Carvalho (2015) situa com registro da participação feminina na imprensa norte-rio-grandense atuando entre 1960-1980 como desbravadoras do jornalismo profissional impresso, radiofônico e televisivo. É o que Rocha Neto (2008) discute sobre o papel da imprensa pela produção de mulheres que fizeram do jornalismo um modo de extrapolar barreiras do seu espaço em um território predominantemente masculino, a exemplo do já falado Jornal das Moças que circulou no interior do estado, na cidade de Caicó, entre 1926-1932. Assim, apesar da visibilidade das mulheres na imprensa potiguar, não encontramos resquícios do que pode ser visto pela presença da imprensa LGBTQIA+. Apenas vemos um horizonte no pensamento de Cruz e Silva (2017), diante do que eles traçam na memória do jornal Lampião da Esquina (1978-1981) do Rio de Janeiro, a partir da divulgação de autores da literatura LGBT no final da ditadura militar, quando falam do jornalista Paulo Augusto Silva.

O jornalista e poeta que os autores trazem trabalhou a partir de 1982 nos jornais Diário de Natal, Tribuna do Norte e Jornal de Natal, sendo ex-editor do suplemento cultural Encartes do Jornal de Natal (1995-1998), espaço onde assinou as colunas Balão de Ensaio, Midiática, Antena XXI e a página cultural Sacadas do Potengi e Refoles. De tal modo, pensamos que antes mesmo da sua colaboração no Lampião da Esquina, ele já havia lançado o livro Falo de 1976 como literatura gay brasileira. Ao lado de Glauco Mattoso, Joao Silvério Trevisan, Caio Fernando Abreu, Aguinaldo Silva e Lelia Mícolis, Paulo Augusto colaborou com o primeiro jornal homossexual do Brasil e foi visto por Cruz e Silva (2017) através do poema “Na pensão a flor de Minas”, publicado na edição zero de abril de 1978 do Lampião da Esquina. Desse modo, apontamos como a presença de Paulo Augusto no jornalismo cultural potiguar abre nuances para pensarmos na imprensa LGBTQIA+ do Rio Grande do Norte e as suas influências do Lampião da Esquina.

Desde a década passada na imprensa potiguar, destacamos a relevância do site Bicha Natalense, não mais ativo e criado em 2013, para o jornalismo produzido diante das questões de gênero e sexualidade e da visibilidade do cotidiano gay potiguar. No entanto, embora a nossa proposta se coloque mais próxima do site, procuramos nos processos de produção do jornalismo de revista



repensar categorias por meio das pautas e elaborar estratégias de escuta por meio das entrevistas. Inclusive, pelo modo como o próprio nome “Poticuir”, em uma mescla das palavras potiguar e queer<sup>2</sup> na tradução localizada do termo pejorativo a partir dos sentidos regionais, propõe articular nuances dissidentes sexuais e de gênero no jornalismo cultural de revista. Depois desse breve percurso histórico pela imprensa norte-rio-grandense e diante da proposta de desmontar o jornalismo, suscitamos a necessidade de pensar o performativo do jornalismo a partir da revista, sobretudo, diante de uma margem subjetiva de produção. Para tanto, iremos trazer os percursos de produção de pauta das duas primeiras edições da Revista Poticuir, no sentido de apresentar nuances preliminares de um “drag-jornalismo” que se monta e desmonta como estratégia para repensar o fazer jornalístico.

## 2 O performativo no jornalismo cultural-transviado<sup>3</sup>

Ao levarmos em consideração o que Piza (2004) traz sobre o jornalismo cultural, distante do quesito decorativo e mais próximo do incômodo do que essa própria produção quer dizer, refletimos sobre a forma como as revistas tiveram papel fundamental na pulsão desse gênero jornalístico, tendo em vista que o jornalismo de cultura redescobre por meio das reportagens e das entrevistas as engrenagens dos tabloides literários semanais e/ou quinzenais. Se para o autor, o jornalismo cultural tem o papel simultâneo de orientar e incomodar, pensamos como a Revista Poticuir pode desenvolver um olhar cultural para as questões situadas em Natal e no Rio Grande do Norte na busca pelas narrativas do jornalismo potiguar, levando em consideração as relações de gênero e sexualidade nos ângulos da mídia, sobretudo, por ser vista como a primeira revista<sup>4</sup> LGBTQIA+ da cidade. Embora a revista seja vista dessa forma, encaramos a necessidade de não pensar pela linha de algo novo, mas por um exercício capaz de engajar uma memória na busca por outras frentes dessa produção, a exemplo da atuação de Paulo Augusto Silva no jornalismo cultural e da Bicha Natalense na cultura midiática.

Dessa forma, procuramos pensar o papel performativo da mídia a partir das reflexões de Prado (2005), quando aponta a figura do leitor infiel em sua dimensão mais politizada do que informatizada. Pela própria proposta da Revista Poticuir, podemos perceber como a mídia pode criar palavras e mapas por meio do aspecto performativo, indo além da função referencial informativa, ressaltando o viés da pragmática do fazer jornalístico e situando performativamente posições sujeito-enunciatário. Ao mencionar o pensamento de Judith Butler, Prado (2005) destaca como realizamos aquela mensagem

---

<sup>2</sup> Ao adotarmos o termo queer, buscamos pensar com Louro (2001) sobre a tradução do próprio termo na deriva do estranho, ridículo ou excêntrico, tendo em vista como pode ser visto como um insulto que tem uma força de invocação sempre repetida. Essa possibilidade performativa do termo nos faz pensar no que seria o queer em um contexto local e encontramos o termo “viado” ou “baitola” como associações para pensar esse fazer jornalístico.

<sup>3</sup> Utilizamos o termo de Bento (2017) como um modo de pensar o queer em uma perspectiva mais brasileira, a partir do que a autora traz pelos estudos transviados.

<sup>4</sup> Situamos essa consideração a partir da notícia publicada na Agência Fotec pelo repórter Vini Leão no dia 25 de junho de 2019 sobre o lançamento da primeira edição da Revista Poticuir no Auditório 1 do Departamento de Comunicação (DECOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Disponível em: Acesso em 15 de set. 2022.



que estamos comunicando e, no caso da Revista Poticuir, cabe pensar no que estamos comunicando para refletir sobre o que seguimos realizando. “Trata-se, portanto, não de abordar o jornalismo como atividade exclusivamente representadora da realidade, mas como conformadora, criadora, que põe e repõe as identidades do leitor” (PRADO, 2005, p. 41). Por isso, pensamos que o fazer jornalístico da Poticuir é uma forma de produzir o público leitor, pelo que ultrapassa o informativo e alcança o indicativo de como algo pode ser dito e visto de outra forma, pelo fluxo das identidades e pela dimensão performativa do fato.

Se a Revista Poticuir pode mapear em fluxo pela produção da pauta os modos de vida dissidentes sexuais e de gênero no Rio Grande do Norte, levando em consideração os reflexos da imprensa LGBTQIA+, criando um campo prático de pertencimento por meio de uma força simbólica própria do jornalismo, articulamos a disputa do discurso no reconhecimento de corpos, gêneros e sexualidades que se materializam na escrita do próprio texto. O que pretendemos dizer com isso é que o jornalismo cultural da revista aborda em sua produção variáveis articuladas entre o eixo estético-conceitual e ético-político, conforme traz Faro (2009). De tal modo, o autor aponta o caráter performativo das matérias das publicações especializadas ao lado do público, entendendo o jornalismo cultural como território operante de práticas dialéticas entre os signos e a materialidade econômica da cultura massiva e os discursos críticos não hegemônicos.

Embora neste momento, não proponhamos a análise do discurso jornalístico da Poticuir a partir do performativo, visamos abordar a produção inicial do jornalismo da revista em sua dimensão performativa em torno das suas duas capas. Pelas extensões significantes do jornalismo cultural, cabe por agora discutir o performativo sem chegar no núcleo da matéria jornalística, tendo em vista o desenvolvimento recente da revista e as possibilidades do performativo no desenvolvimento da apuração das pautas. Para Faro (2009), a performatividade decorre das condições concretas do exercício da prática profissional – no caso ele traz no âmbito de uma empresa que se auto legitima na esfera pública – mas, abordamos como essa dimensão performativa ainda aparece mais asseada no laboratório de uma produção jornalística acadêmica, quando a marca performativa do discurso jornalístico está em pleno desenvolvimento em sua organização imagética-discursiva.

Assim, Gonçalves e Faro (2009) refletem como ocorre a organização discursiva das matérias com o objetivo de identificar o aspecto performativo do jornalismo. Nesse sentido, os autores partem da premissa de que o performativo pré-existe à matéria jornalística, pois está inerente ao próprio veículo. Pela leitura da Revista Poticuir, pensamos como a produção jornalística performativa pode extrapolar a leitura na busca dos significados textuais e incorporar as rasuras representacionais nas condições de produção, sobretudo, nas constituições dos efeitos de sentido. Desse modo, conforme aponta Faro (2012), o performativo nas narrativas do jornalismo cultural aparece como elemento distintivo do gênero no qual realiza a produção. Silva (2014) traz as nuances da nova dimensão performativa do jornalismo cultural quando menciona que ao ter um discurso informativo e apreciativo de um objeto cultural, o jornalista já incita alguma ação ao público. De tal modo, por mais que as



reflexões sobre o caráter performativo do jornalismo alcancem o que nos propomos a desenvolver, encontramos um ponto de vista interessante no que Oliveira (2016) aponta diante da linguagem performativa do jornalismo, o que concerne uma articulação maior com a proposta que queremos alinhar a partir do que Oliveira Junior e Sandes (2020) chamam preliminarmente de “jornalismo performativo”.

A partir da noção de subjetividade como ferramenta para o jornalismo, como situa Moraes (2019), encaramos a possibilidade de repensar o performativo a partir do fato de que o jornalismo foi criado, desenvolvido e reproduzido em uma sociedade marcada por questões de preconceito e discriminação em torno do machismo, racismo e classismo, se mantendo ao lado da objetividade, principalmente, tendo como elemento central a neutralidade e isenção. Assim, seria possível pensarmos no jornalismo de subjetividade como suporte para reler o performativo do jornalismo a partir das questões de gênero e sexualidade, para além da representação e da representatividade, mais próximo do bojo de uma pauta que se expanda na medida enquanto subverte critérios de apuração e noticiabilidade?

É interessante pensarmos isso porque o performativo na revista aparece em uma margem subjetiva e o jornalismo de subjetividade pode ser um caminho para a abertura da própria pauta e dos seus formatos. No caso, não interessa somente a representação e a representatividade midiática, pois essas formas de dizer e falar não se sustentam senão por expansão desses próprios sentidos. Se há uma potência transformadora e reparadora no jornalismo de subjetividade, procuramos nele um modo de captar o movimento em fluxo do pensar e fazer jornalístico de revista a partir das múltiplas visões de gênero e sexualidade. Em três aspectos importantes, Moraes (2019) destaca o jornalismo de subjetividade no questionamento de valores-notícia pelas suas manutenções e hierarquias; nas desestabilizações das próprias representações promovidas no campo da notícia; e na aproximação com a prática ativista.

Assim, a Revista Poticuir nos mostra que a reflexão da produção está além da representação midiática, tendo em vista os modos como podemos colocá-la no limite, mantendo o intenso exercício do questionamento como mobilizador dessa leitura do fazer jornalístico de modo expandido. “A subjetividade como elemento para tratar desses temas tão recorrentes no âmbito do jornalismo passou a ser uma ferramenta importante na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos” (MORAES, 2019, p. 207). Na busca por essas camadas de existência nas entrelinhas do jornalismo, encaramos o marco do subjetivo não como oposto ao objetivo, mas como lente discursiva maior pra mobilizar outros modos de fazer jornalismo e superar a falsa dicotomia entre jornalismo objetivo e subjetivo. Não estamos falando de “ouvir os dois lados” ou de outro tipo de escuta, mas de repensar posições e afiar o olhar para fissurar o cerco curto da representação dos enquadramentos para um caminho em construção.

“Nessas lentas opacas e enquadramentos repletos de reduções (como vimos no caso das pessoas negras), o jornalismo, mesmo de maneira não intencional, promove a manutenção de violência



de vários níveis” (MORAES, 2019, p. 214). Diante dos três aspectos formulados pela autora, talvez a Revista Poticuir esteja mais situada no segundo, ainda que faça do primeiro um objetivo e do terceiro um horizonte. Por um lado, se o jornalismo de subjetividade preza pela semelhança e não pela diferença, poderíamos pensar que a própria dissidência sexual e de gênero em movimento através de uma pauta jornalística pode dialogar entre uma similitude que se esvai na medida em que se faz e desfaz no decorrer de uma entrevista, no corpo a corpo do repórter e da fonte onde não se busca uma repetição, mas uma fissura com narrativas mais situadas no cotidiano e na localidade. Por outro lado, se esses conteúdos jornalísticos da Revista Poticuir de certo modo podem ser vistos como uma forma de ativismo, se faz importante pensar que toda notícia ou reportagem já realiza em si um ativismo. Mas, como podemos localizar o performativo dentro do jornalismo de subjetividade?

De certo, o cunho cultural do jornalismo já possui uma subjetividade como elo central da sua prática, ao abordarmos os processos de produção de uma revista e situarmos o que ocorreu na produção das pautas, estamos propondo esgarçar os modos de fazer pela forma como é feito. Dentro dessa visão subjetiva, o “jornalismo performativo” nos termos de Oliveira Junior e Sandes (2020) se aproximam mais ainda do que queremos discutir, pois se a linguagem nas/em práticas sociais é um ato performativo, como traz Oliveira (2012), onde sujeito e ação constroem sentidos, vemos como a performatividade do texto jornalístico não pode ser a contextualização, mas a construção de sentidos em movimento. O que fazemos com as palavras quando produzimos o cotidiano no jornalismo e de que forma podemos criar palavras por meio da performatividade das fontes e do jornalista em relação?

Como destaca Butler (2019), os atos performativos são formas de discurso de autorização, assim, consistem em enunciados que realizam um poder e determinam uma ação. “Se o poder do discurso para produzir aquilo que ele nomeia está relacionado com a questão da performatividade, logo a performatividade é um domínio no qual o poder atua como discurso” (BUTLER, 2019, p. 372, grifo original). Embora Oliveira Junior e Sandes (2020) reforcem a expansão da pauta pelo que escapa dela mesma, vemos que a criação da condição performativa do jornalismo requer um exercício do jornalista por meio da ação na pauta. Se por um lado a condição performativa da linguagem garante as controvérsias da identidade e mutabilidade, sobretudo, entre as instâncias de produção e recepção entre o jornalista e o leitor, podemos destacar na esteira dos autores a forma como a linguagem pragmática depende da pragmática da linguagem. Por isso, Oliveira (2016) menciona como o caráter performativo da linguagem assegura a convivência dos indivíduos por meio do que difere.

Desse modo, quando falamos quem são as fontes que entrevistamos e fazemos dizer algo sobre elas, somos convocados pela própria relação e marcados por posições. No caso, como veremos nas capas da Poticuir há uma busca pelo movimento dos corpos e suas performatividades, embora cada registro apareça em uma performance. Vale dizer que performance e performatividade se relacionam na medida em que são diferentes, quando a primeira é potencializada pela segunda. Assim, destacamos o que estamos representando quando colocamos corpos que performam nas capas, sobretudo, na medida em que eles dizem algo por estarem ali, seja por sua dimensão estética ou pela



política das suas cenas. A chegada de uma drag no estúdio de fotografia ainda por se montar e/ou a reunião de um coletivo de artistas em pleno movimento. São essas as aberturas para pensar nos contornos de um “drag-jornalismo”, pela forma como o relato das coisas, dos afetos, das emoções e dos acontecimentos por vezes não previstos se expandem no ato de ler.

### 3 Poticuir e o jornalismo de revista

Como desdobramento do projeto de extensão “Lide Jornal: jornalismo de profundidade multimídia e transmídia”, iniciado em 2018 pelo professor Antonino Conderelli por meio do Departamento de Comunicação (DECOM) no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que tem como objetivo a estruturação de uma agência universitária de jornalismo em profundidade nos formatos multimídia e transmídia para o corpo discente de Jornalismo e os atores sociais externos à instituição, no sentido de produzir conteúdos jornalísticos investigativos e de jornalismo literário em narrativas transversais, a ação de extensão “Poticuir: jornalismo performativo nas paisagens transviadas do Rio Grande do Norte” foi apresentada pela primeira vez no dia 12 de abril de 2019, através de uma reunião aberta em uma das salas do departamento. Ao todo, o primeiro encontro contou com a presença de aproximadamente 12 estudantes dos cursos de comunicação, entre jornalismo e publicidade.

Nos últimos anos, o projeto esteve em suspenso por conta da pandemia da Covid-19, dada a produção de pautas externas, dos conteúdos fotográficos produzidos por meio do trabalho dos técnicos responsáveis do laboratório de fotografia e da orientação dos professores do curso de Jornalismo. Iniciada em 2019, a Revista Poticuir produziu dois números com lançamento em junho e dezembro daquele ano. A terceira edição ainda começou a ser pautada, porém com a pandemia foi suspenso o trabalho discente. Hoje, o projeto conta com a participação dos estudantes: Ana Lourdes Bal, Gabriel Ripardo, André Guilherme Santos de Oliveira, Elias Bernardo da Silva, Talitta Oliveira Cancio dos Santos e Virgínia Fróes. Toda edição aparece pautada por meio de reuniões com estudantes voluntários e demais pessoas interessadas.

A construção do logotipo da revista produzido por Gabriel Ripardo já traz na sua imagética as pontas do que pode ser retratado pela simbologia do Morro do Careca diante de uma leitura transviada das paisagens postais da cidade. Como se remetesse ao glitter dessas encenações de gênero e sexualidade nos enredos potiguares, o logotipo traz o cartão postal de Natal coberto de purpurina, apontando para outro modo de produzir as paisagens pela afetividade dos corpos que celebram a dissidência. De certo modo, a visualidade dos grãos de brilho em Ponta Negra procura situar a incompletude do enquadramento da paisagem, como se a purpurina demonstrasse um processo criativo e composição daquela construção imagética. Do ponto de vista gráfico, a escolha da fonte do título da revista procurou situar um projeto gráfico que traga o que pode ser rascunhado, como algo escrito à mão, cursivo. Por isso, foi privilegiada a escolha de uma fonte que fosse caligráfica com ponta

grossa para demonstrar uma afeição com o esboço da própria ideia da revista e do jornalismo da Poticuir, tendo em vista que a revista dialoga com o que Benetti (2013) discute sobre o fato das revistas trabalharem com opinião e gosto, apresentarem uma estética particular e estabelecerem uma relação direta e emocional com o leitor.

Por um lado, a primeira capa da Revista Poticuir foi pensada através do próprio sentido do que pode significar o nome da revista para a recepção do público leitor, tendo em vista que a revista cria um mundo discursivo e social, como afirma Benetti (2013). De certa forma, a produção sonora da drag queen natalense Potyguara Bardo traz em sua performance questões que levantaram o debate sobre o que pode significar o nome Poticuir. Diante disso, a fotografia de capa foi realizada pela fotógrafa Ana Bal no dia 22 de maio de 2019 com apoio técnico de produção na assistência de Gabriel Ripardo, Guilherme Oliveira, Ribamar Junior e Gabriel Ferreira. Para o agendamento das fotografias foi realizado um primeiro contato com a artista no dia 11 de maio, no qual a proposta da revista foi apresentada, o agendamento da entrevista foi marcado e o convite para a sessão de fotos da capa foi feito. Na ocasião, o apresentador da MTV Brasil e potiguar Raphael Dumaresq esteve presente para auxiliar Potyguara na escolha dos figurinos, na finalização da maquiagem e na modelagem das poses. Foi um processo muito interessante, pois Potyguara chega de Uber na calçada do prédio do DECOM e alguns estudantes se surpreendem com a presença da cantora no espaço e começam a conhecer a revista por aquele movimento.

Ao tomarmos como horizonte a análise de conteúdo de Bardin (2016) para as capas e os elementos gráficos da edição, propomos de modo preliminar perceber os processos editoriais a partir do efeito dessas capas no campo do jornalismo, sobretudo, pelo modo como foram feitas. É importante pensar que a análise de conteúdo neste momento se dá no contorno de uma pré-análise, isto é, na exploração dessas imagens que foram capa da revista, tendo em vista que o projeto em sua fase inicial ainda segue em desenvolvimento. Por isso, realizamos uma “leitura flutuante” (BARDIN, 2016) desse material para pensar na abertura e no aprofundamento dos procedimentos exploratórios que trazem modos de apreender a experiência do fazer jornalístico e da leitura do que foi feito. Afinal, o jornalismo de revista da Poticuir procurou nas duas primeiras edições buscar novos ângulos e ajustar o foco do que queremos apresentar para entender o leitor de cada publicação, conforme traz Scalzo (2009) sobre o direcionamento desse tipo de produção.

Figura 1: Capa da primeira edição da Revista Potiguir.



Fonte: Acervo da revista (2019).

Na produção daquela capa (Fig. 1), Potyguara aparece como referencial de um mapa cultural a ser escavado pelos significados entre potiguar e queer, na proposta de pensar em outra visualidade para a cidade por meio do seu trabalho artístico. Através da iluminação do estúdio de fotografia em tons quentes, pela paleta de cores em vermelho, foi tomado como referencial o que refletia da sua própria construção enquanto drag queen naquele momento, na busca por apontar os atos performativos em movimento. Portanto, os registros de Ana Bal ganham mais significado quando Potyguara tenta tirar a luva com a boca e aquele movimento produz a captura da câmera que registra a capa da revista, trabalhada de modo gráfico por Gabriel Ripardo.

Não só pela forma como a drag queen tira a luva com o dedo médio, fazendo um gesto tido como obsceno sem intenção direta, mas pelo próprio registro da Ana Bal diante dos movimentos na própria imagem e da direção de arte do Gabriel Ripardo, foi buscada a construção imagética de uma artista em seu aspecto de criação em processo, na própria forma como ela monta e desmonta o que a Potyguara simboliza na proposta de capa. Pelo título do perfil jornalístico, “Potyguara Bardo: a alquimia de uma drag queen”, a capa da revista aparece construída em uma dimensão performativa, tendo em vista a construção imagética do processo de montagem da própria artista. Até porque estamos montando no jornalismo o que em sua proposta se faz pela desmontagem.

No caso, a performatividade da drag queen parece adentrar a representação midiática e a dimensão do jornalismo de revista e dobrar os sentidos da manchete ao absorver o título em alquimia. Se a performatividade do jornalismo de revista reside nos atos entre ação e linguagem, quando acompanhamos os gestos de uma drag queen a ser fotografada, buscamos captar a relação que a artista desenvolve com a lente e fotógrafa. O perfil de Potyguara busca assinalar na edição o encontro com os repórteres e a sua reverberação artística. O “drag-jornalismo” faz parte da própria subjetividade da artista que oferece um modo de fazer jornalístico pelos seus gestos e pelo encontro aberto com a equipe de jornalismo.

Por outro lado, a segunda capa (Fig. 2) da Revista Poticuir seguiu uma linha editorial próxima da primeira, pautando os movimentos culturais na cena artística da produção performática de grupos potiguares. Pelo sentido atribuído à primeira capa, foi possível perceber a forma como o Coletivo Smoking House continua o que a Potyguara Bardo articulou de sentidos na edição anterior. O tema da questão de gênero e sexualidade na cena artística potiguar aparece não apenas como referente, mas como operador de sentidos, nos termos de Schwaab e Tavares (2009), tendo em vista que no jornalismo de revista, “os temas podem ser vistos não apenas como conteúdos determinados por certas rotinas produtivas e de consumo, mas também como elementos de processos de extração midiática onde aspectos culturais e campos sociais se entrecruzam” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 184). Por isso, a segunda capa da Poticuir trouxe um grupo que anunciou retorno em 2019 na cidade, sintonizado com a cultura club kid e underground das produções que tensionam nos campos de gênero e sexualidade com a performance fashion freak queen na representação midiática.

Figura 2: Capa da segunda edição da Revista Poticuir.



Fonte: Acervo da revista (2019).

Portanto, para o agendamento daquela sessão de fotografias foi realizado um primeiro contato com uma das artistas do grupo, conhecida como Carmona, no dia 30 de outubro, para a produção daquela capa produzida por Gabriel Ripardo. Os registros daquela capa foram realizados pelo fotógrafo Ribamar Junior com suporte técnico na assistência de André Oliveira e Gabriel Ferreira no dia 13 de



novembro. No momento, esteve presente as quatro integrantes do coletivo Smoking House, nos nomes de Rozza, Marxinne, Íguia e Carmona. No texto escrito por Ribamar Junior, “‘Nós as monstas’: o coletivo Smoking House está na esquina de Natal”, a chegada das artistas ao estúdio e a própria construção da caracterização fazem parte do processo, assim como os momentos em que elas desfazem a montagem mostra no final do encontro. Porém, o performativo no jornalismo de revista, no caso da Poticuir, não aparece somente pelo que as palavras conduzem à ação na produção do gosto e de sentido, mas na forma como as fontes são colocadas para além do que falam de si mesmas, diante do que elas refletem a partir do que criam de si mesmas.

O que a fotografia desse grupo no jornalismo representa pelo registro fotográfico senão o próprio movimento de uma cena local que se faz por corpos em performance? É interessante pensar que a reportagem sobre o retorno do coletivo artístico produzida pelo repórter mostra o movimento da montagem e a fotografia de capa a performance em si. Quando ele escreve sobre o encontro com o grupo e faz a capa da revista o que aparece evidente é o gesto dessas pessoas por atos que constituem uma narrativa de um grupo. É interessante pensar que a dimensão performativa do jornalismo de revista busca trazer corpos que são o que dizem de si e se fazem ver no outro. O “drag-jornalismo” não seria o fato simples de dialogar com artistas que se montam, mas a produção de um fazer jornalístico que não busca só representar, mas apreender uma singularidade do ato da montagem. Embora essa leitura das fotos tragam uma visão do performativo pelo registro, encaramos essa leitura superficial – na superfície das capas – formas de adentrar e abrir caminhos para pensar nessa performatividade do jornalismo de revista que pauta questões de gênero e sexualidade.

Por ser uma revista digital, trazemos o que Natansohn (2013) aponta pela forma como o gênero revista está em um momento de grandes transformações, tendo em vista o próprio fluxo digitalizado que nomeia o processo desse tipo de produção de diversas formas, a exemplo das iMagazines, magazines, revistas on-line e revistas digitais. No caso, a Revista Poticuir está no Instagram<sup>5</sup> e o sua divulgação on-line está na plataforma do Issu<sup>6</sup>, logo após o lançamento de cada edição. Portanto, a produção acadêmica de uma revista como projeto/ação de extensão possibilita experimentar a digitalização do jornalismo de revista em seu contexto, nos quais sinalizam as próprias lógicas de produção, circulação e consumo.

Embora tenhamos destacado a margem subjetiva de desenvolvimento do logotipo ao conteúdo de capa do jornalismo da Revista Poticuir, consideramos em nossa análise ainda está mais centrada nos contornos iniciais dessa produção, ainda não oferecendo um ponto de reflexão sobre circulação e consumo, haja vista os modos como a produção foi interrompida pelas condições pandêmicas. No entanto, temos como objetivo aprofundar esse debate a partir de olhares mais situados na difusão e recepção da Poticuir para além da sua produção. As capas trazem a intenção de um quadro reflexivo

---

<sup>5</sup> Link de acesso ao perfil da revista: < <https://www.instagram.com/poticuir/>>.

<sup>6</sup> Link de acesso digital para a revista <<https://issuu.com/poticuir/>>.



que oferecem perspectivas locais sobre o que falamos quando dizemos queer, sobretudo, em paisagens transviadas. O “drag-jornalismo” aqui se faz na superfície desses corpos que são captados em seus gestos e por meio de suas experiências.

### 3 O começo do que vem

Desse modo, diante do que a drag queen enquanto corpo pode suscitar na sua montagem, propomos pensar o jornalismo de revista em sua desmontagem e possíveis remontagens. Por isso, nas tramas do jornalismo cultural, nos perguntamos se há espaço para um “drag-jornalismo” capaz de tecer outros modos de produção jornalística, a exemplo de um outro jornalismo de revista mais centrado na experiência do que na identidade, isto é, nos contornos dos seus traços performativos. Na busca por um jornalismo performativo, entendemos o exercício nunca finalizado de prover uma outra visão que construa enquadramentos sempre vazados de retratos em processo de pessoas LGBTQIA+.

Talvez nossa linha de fuga se estenda além do Morro do Careca e encontre na forma galada – gíria potiguar que se refere a algo exagerado ou engraçado – de falar e no jeito transviado de ser potiguar. Se o jornalismo de subjetividade requer um compromisso com o corpo aberto em zonas de contato, caminhar por esse rumo exige a tomada de consciência e a introdução de novos modos de olhar que pensem o vivencial e o performativo. Encarar um movimento subjetivo na comunicação significa, ainda, um processo de autorreflexão sobre as próprias práticas. Sem dúvidas, se faz necessário falar que a Poticuir utiliza em sua abordagem inicial valores visuais muito associados ao mercado de revistas e que suas capas evidentemente de certo modo podem ser lidas pela visão da identidade, mas buscamos aqui a centralidade do experiencial e o foco no gesto como uma forma de buscar rumos dentro do fazer jornalístico.

Nesse sentido, reler o modo como estamos fazendo e ouvir as fontes a partir de como foi feito torna o jornalismo de revista como o da Poticuir um modo de representar a partir da potência do encontro na prática jornalística. Se o performativo está ligado ao gosto, a Revista Poticuir pode ter uma performatividade que se deriva em uma dimensão cotidiana e cultural de dizer como a cidade pode ser vista de uma forma enquanto já está sendo dita daquela mesma forma. Embora estejamos desenvolvendo essa noção, a nossa proposta parte de discutir e promover o encontro com outras perspectivas que façam um “jornalismo de montagem” como forma teórico-metodológica de ler essas produções. As capas analisadas mostram corpos que se montam e o modo como foram apreendidas apontam para um jornalismo que se desmonta, não apenas pelo trabalho das fontes, mas pela relação entre fonte, pauta e jornalista. O “drag-jornalismo” pode ser uma ferramenta para repensar a prática jornalística, principalmente, no seu descompromisso e sua desaprendizagem.



## Referências

- AUGUSTO, Paulo. **Falo**. Rio de Janeiro: Sebo Vermelho, 1976.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2016.
- BENETTI, Marcia. **Revista e jornalismo: conceitos e particularidades**. In: SCHWAAB, Reges; TAVARES, Frederico. (Org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 44-57.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2017.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- CARVALHO, Isabel Cristine Machado. **Imprensa e mulher: pioneirismo e trajetórias de jornalistas profissionais norte-rio-grandenses (1960-1980)**. Quipus, v. 4, n. 1, p. 43-55, 2015.
- CARVALHO, Isabel Cristine. **Revista Cigarra: cenário social de Natal nos anos de 1920**. Quipus, v. 1, n. 2, p. 81-99, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal: Edição da Prefeitura do Município, 1947.
- CORREIA, Karla Marthinna Viana. **Análise de conteúdo do jornalismo impresso natalense**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007.
- COSTA, Maria Suely da. **Produção em revista: representação do moderno e do regional na experiência potiguar anos 1920**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- COSTA, Rodolpho Henrique Rêgo da. **A imprensa cotidiana no período de 1889-1930 na cidade do Natal do Rio Grande do Norte**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2005.
- CRUZ, Flávio Prates; SILVA, Leandro Soares da. **O Lampião da Esquina como veículo de divulgação de autores da literatura LGBT no final da ditadura militar no Brasil**. In: Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador: 2017.
- FARO, José Salvador. **Dimensão e prática do jornalismo cultural**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 11, n. 1, p. 54-62, 2009.
- FERNANDES, Anchieta; SOUZA, Carlos de. **Suplemento Nós do RN**. Natal: editora A República, 2006.
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes; FARO, José Salvador. **O performativo no jornalismo cultural: uma organização discursiva diferenciada**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, n. 38, p. 86-92, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Revista estudos feministas, v. 9, p. 541-553, 2001.
- MACEDO, Diva Maria Cunha Pereira de; DUARTE, Constância Lima. **Via Láctea de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914-1915**. Natal: Sebo Vermelho. 2003.
- MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte (1907-1987)**. São Paulo: Cortez, Natal: Fundação José Augusto, 1987.
- MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**. Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun. 2019.
- NATANSOHN, Graciela. **Mapeando um novo cenário**. In: NATANSOHN, Graciela. (Org.). *Jornalismo de revista em redes digitais*. Salvador: Edufba, 2013.
- OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José de; SANDES, José Anderson Freire. **O jornalismo performativo do “Sertão Transviado”: a imprensa LGBTQIA+ no Cariri cearense**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (Rebej), v. 10, n. 27, p. 36-56, 2020.





OLIVEIRA, Jair Antonio de. **A linguagem performativa do jornalismo (contra fatos há argumentos)**. *Libero*, n. 30, p. 119-126, 2016.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

PRADO, José Luiz Aidar. **O leitor infiel diante dos mapas da mídia semanal performativa**. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 7, n. 1, p. 39-46, 2005.

QUEIROZ, Geraldo dos Santos. **Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza: breve história de pioneirismo**. *Revista Educação em Questão*, v. 37, n. 23, 2010.

QUEIROZ, Tobias. **Cultura potiguar em xeque**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Jornalismo Cultural) - Faculdades Integradas de Patos (FIP). João Pessoa, 2004.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da. **Jornal das Moças (1926-1932): imprensa feminina no sertão norte-riograndense**. *Revista de Estudos da Comunicação*, v. 9, n. 19, 2008.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista**. *Galáxia*, n. 18, p. 180-193, 2009.

SILVA, Dora Santos. **A nova dimensão performativa do jornalismo cultural: contributos do reito e da review**. In: BAPTISTA, Carla. *Cultura na primeira página: o lugar da cultura no jornalismo contemporâneo*. Lisboa: Mariposa Azual, 2014.

*Recebido em: 15/09/2022*

*Aceito em: 05/11/2022*